

ANEXOS

Fase revisão bibliográfica

Anexo 1 – Análise Cartográfica da evolução do tecido urbano do Pólo II da Universidade do Porto

Anexo 1.1 – Plano regulador da cidade do Porto - Direção de planeamento urbanístico - Centro de estudos de engenharia Civil - Ano 1946

Anexo 1.2 – Plano diretor municipal do Porto - Gabinete de urbanização da Câmara Municipal do Porto - Ano 1962

Anexo 1.3 - Plano diretor Municipal do Porto - Ano 1993

Anexo 1.4 – Projeto da área central do Pólo II da Universidade do Porto – Programa base

Anexo 1.4.1 – Projeto da área central do Pólo II da Universidade do Porto – Programa base – Levantamento fotográfico da área a preservar

Anexo 1.4.2 – Intervenção paisagística sobre o projeto da área central do Pólo II da Universidade do Porto – Programa base

Anexo 1.5 – Evolução tecido urbano - Análise vista satélite 2003 a 2011

Anexo 2 – Jornais e documentos históricos

Anexo 2.1 – Jornais e documentos históricos

Anexo 2.2 – Jornais e documentos históricos

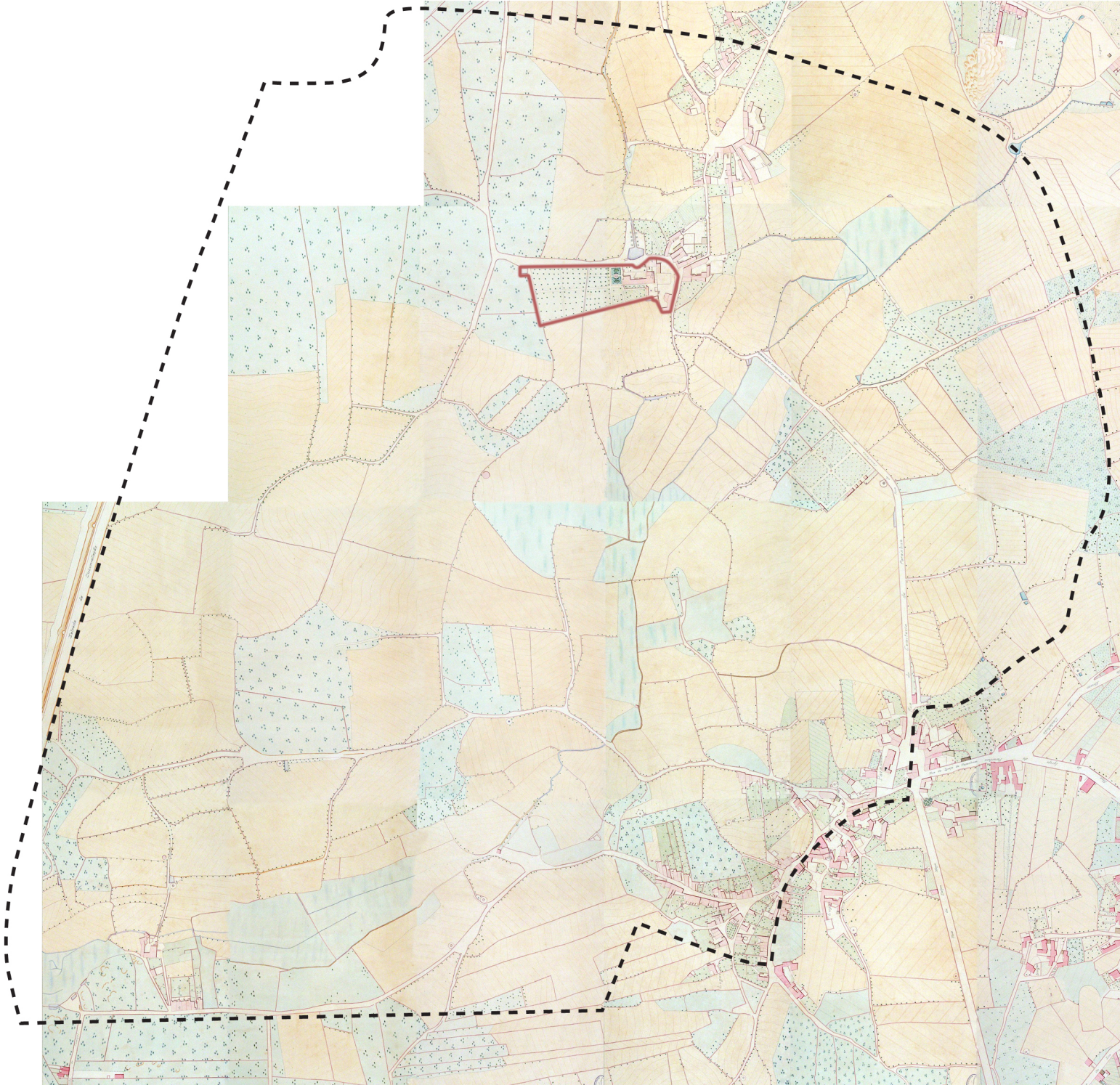
Anexo 2.3 – Jornais e documentos históricos

Anexo 2.4 – Excertos do parecer de Augusto Lousa Vianna ao ministro das obras públicas

Anexo 2.5 – Desenhos Arquiteto Luiz Cunha - Plano do Pólo 2 da Universidade do Porto

Anexo 3 – Datação de arruamentos e edifícios existentes a partir de cartografia e dados históricos

Todas as cartas foram obtidas através do sitio na internet: <http://repositorio-tematico.up.pt> de acesso livre e estão referenciadas com o Autor/Produtor - Direcção de Serviços de Construção e Conservação das Instalações 2001/2004 à exceção da Carta de Telles Ferreira que foi adquirida via requerimento pago no Arquivo Histórico do Porto. As datas aproximadas indicadas nas cartas sem referência de data foram atribuídas pela presença ou não de edifícios com data de construção conhecida sendo exemplo o Hospital de S.João do Porto e a Faculdade de Economia.

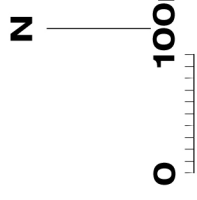


Ano 1892

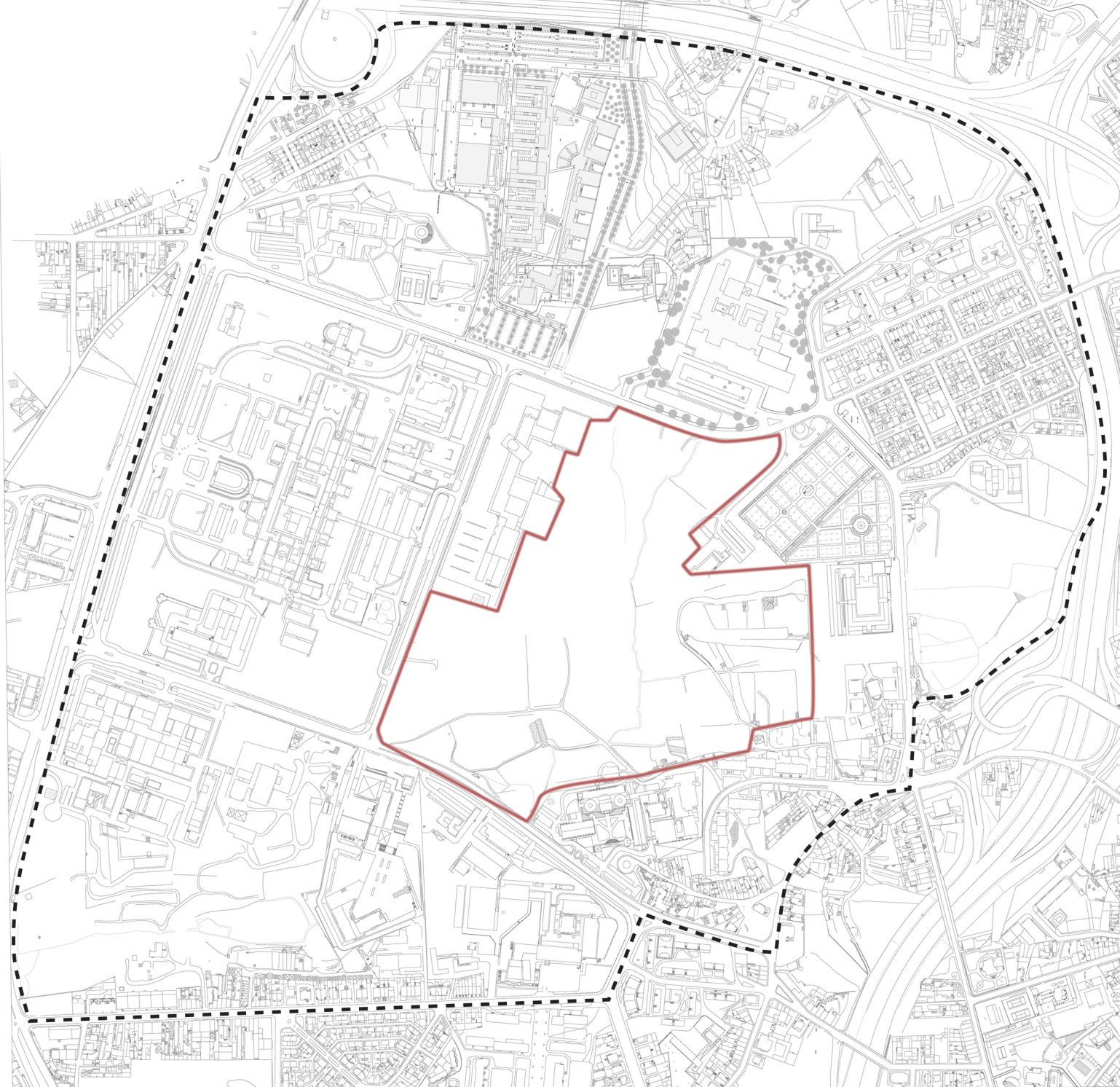
Carta Topographica da Cidade do Porto de Augusto Gerardo Telles Ferreira
folhas - 262, 263, 264, 265, 266, 267, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 304, 305, 306, 307, 308, 325, 326, 327, 328.

Descrição

Na presente carta observa-se a extensão de uma paisagem agrícola sem grande perturbação do crescimento e construção do tecido urbano.
Esta paisagem apresenta alguns aglomerados habitacionais e uma grande quinta, a Quinta de Lamas, evidenciada a vermelho, elemento construído que se destaca.



----- Limite do estudo



Ano 2000

Cartografia da Cidade do Porto

Descrição

Pode-se observar a grande ocupação do edificado associado principalmente ao ensino superior existindo no entanto uma zona central permeável (a vermelho) associada à ribeira da Asprela e respetivo leito de cheia.

N

0 100m

----- Limite do estudo

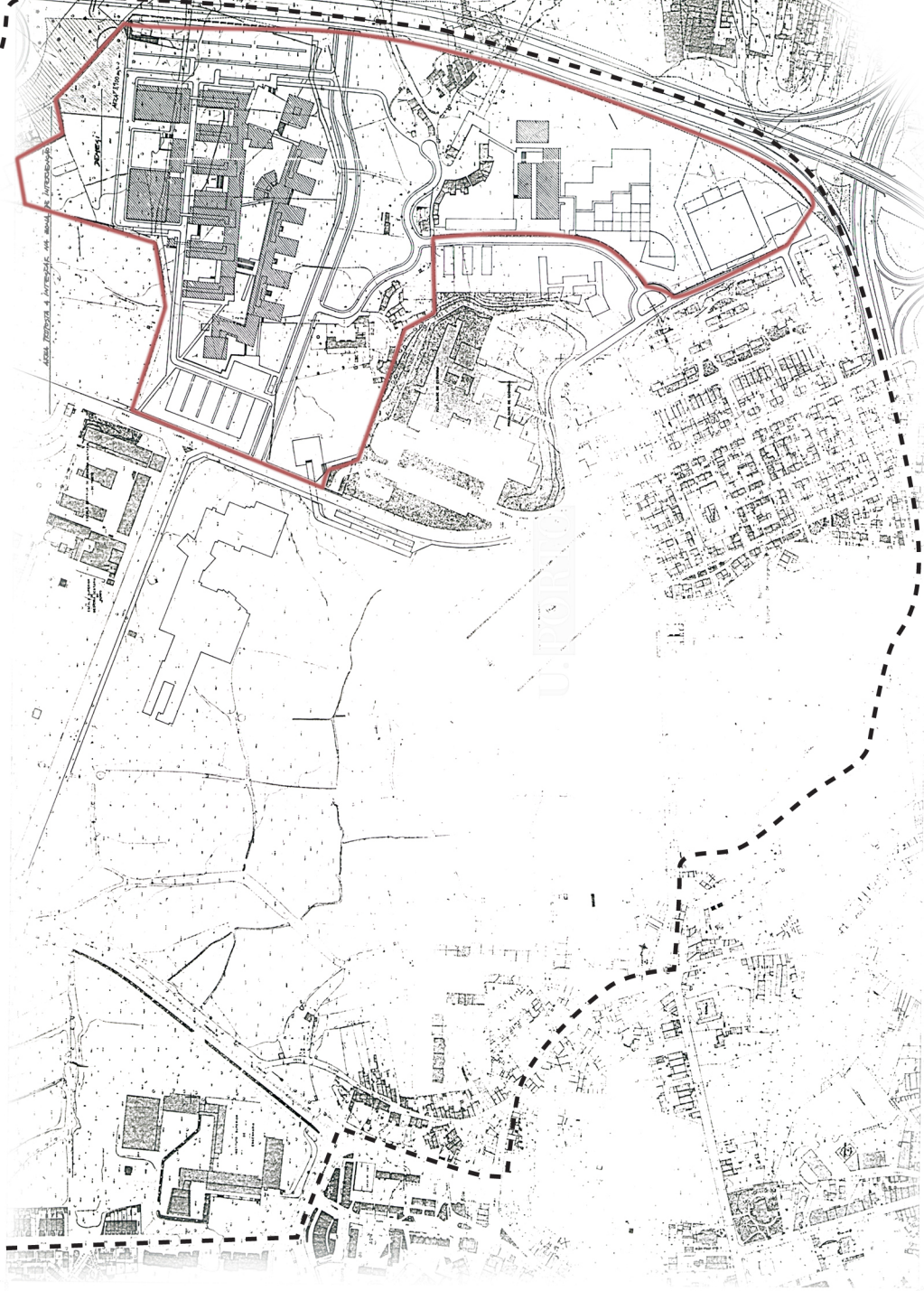
Ano 1993

Instalações da Faculdade de Engenharia da UP

Área proposta a integrar na Zona de Intervenção (vermelho)

Descrição

Pode-se observar a implantação da Faculdade de Engenharia, assim como um esboço do arruamento que liga a Via estruturante à Rua actor Pereira da Silva que se encontra atualmente previsto em PDM.



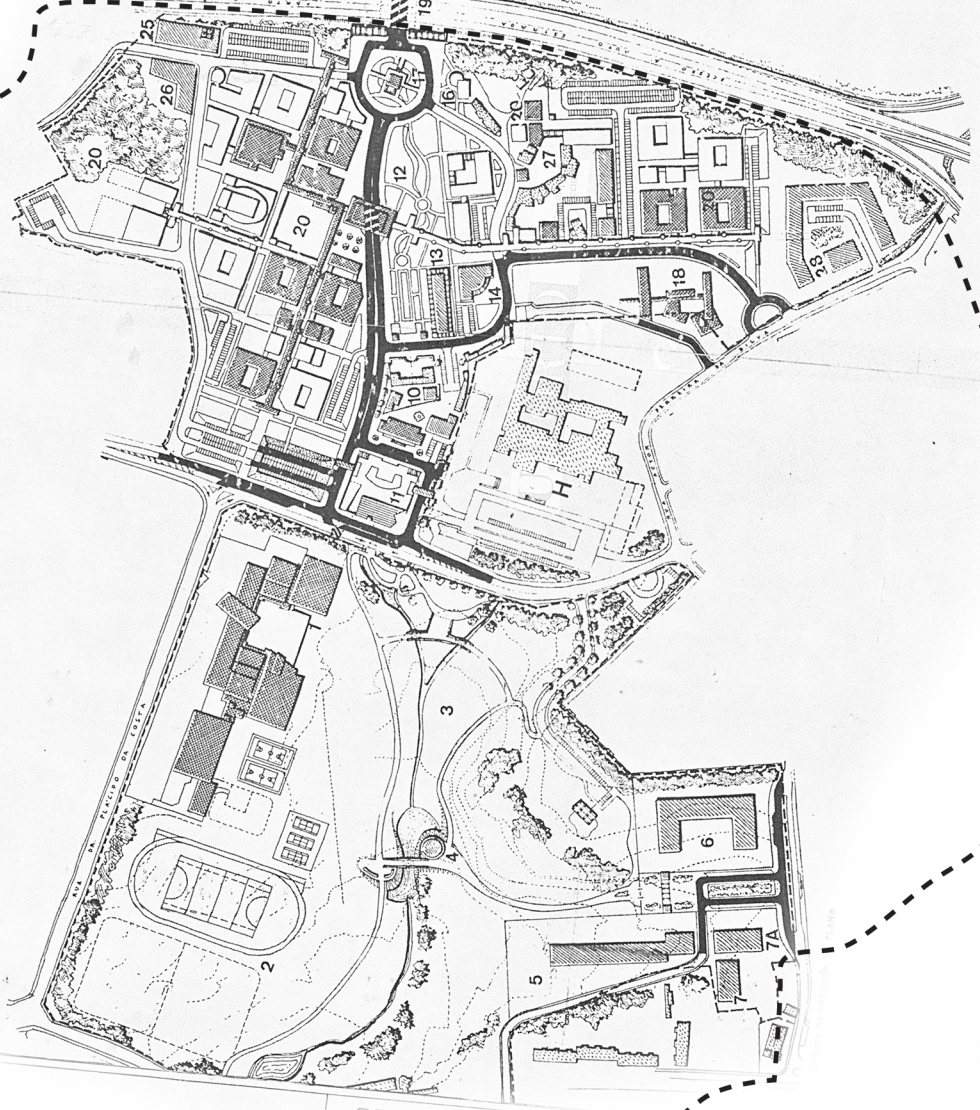
----- Limite do estudo

Ano 1988

P2UP Pólo 2 da Universidade do Porto
Planta de obras de execução
Arq. Luiz Cunha

Descrição

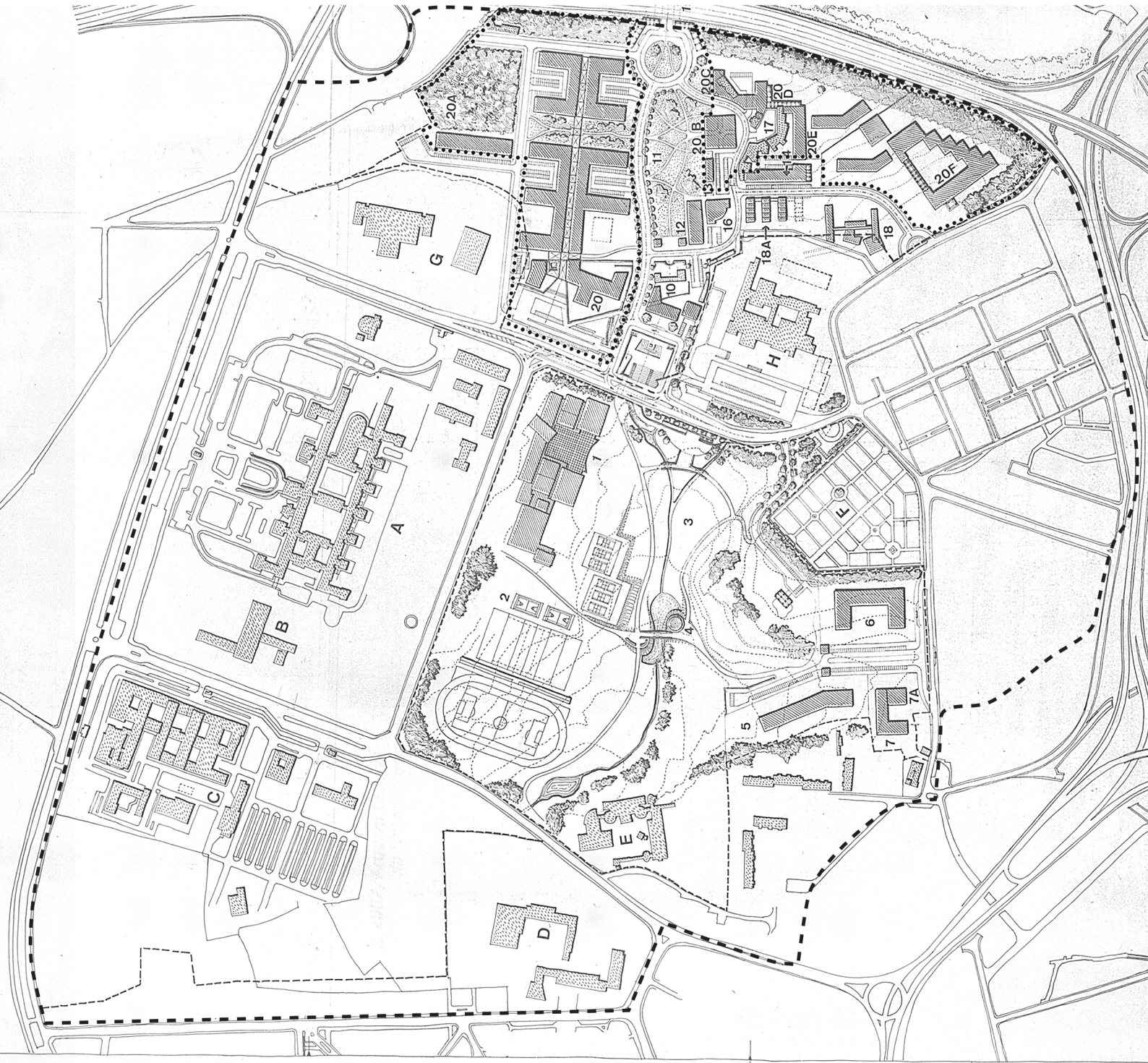
Solução final apresentada pelo Arquitecto Luiz Cunha.
Pode-se observar um esboço da futura Via Estruturante do Pólo II, assim como um arruamento que liga a Via estruturante à Rua actor Pereira da Silva que se encontra atualmente previsto em PDM.



N

0 100m

----- Limite do estudo



Ano 1987

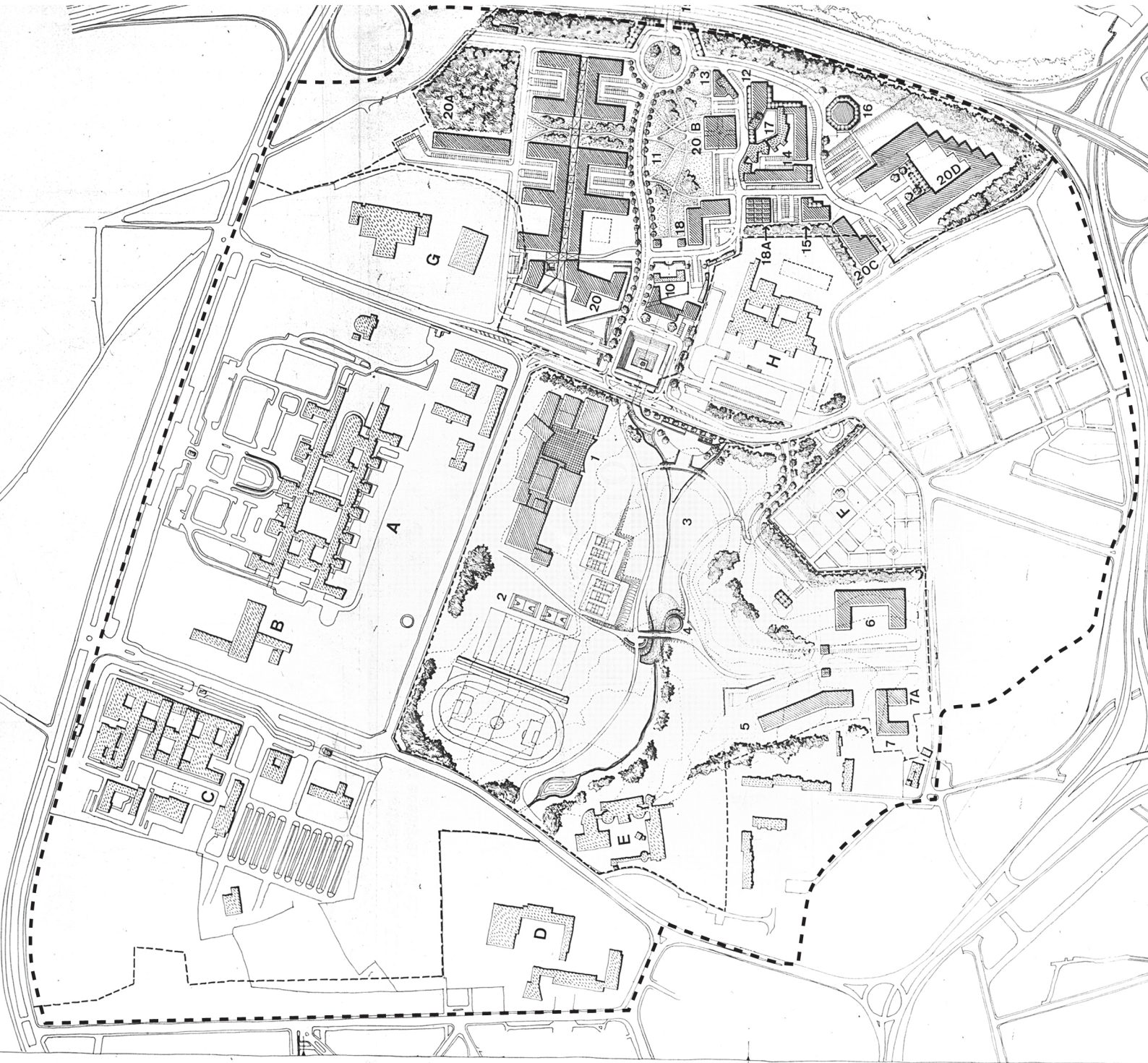
P2UP Plano do Pólo 2 da Universidade do Porto
Estudo Prévio - Solução IV
Planta Geral - Arq. Luiz Cunha

Descrição

Solução IV apresentada pelo Arquiteto Luiz Cunha, propondo diversos edifícios universitários ligados por estruturas de circulação pedonal e um parque central com ribeira naturalizada.

N
0 100m

----- Limite do estudo



Ano 1987

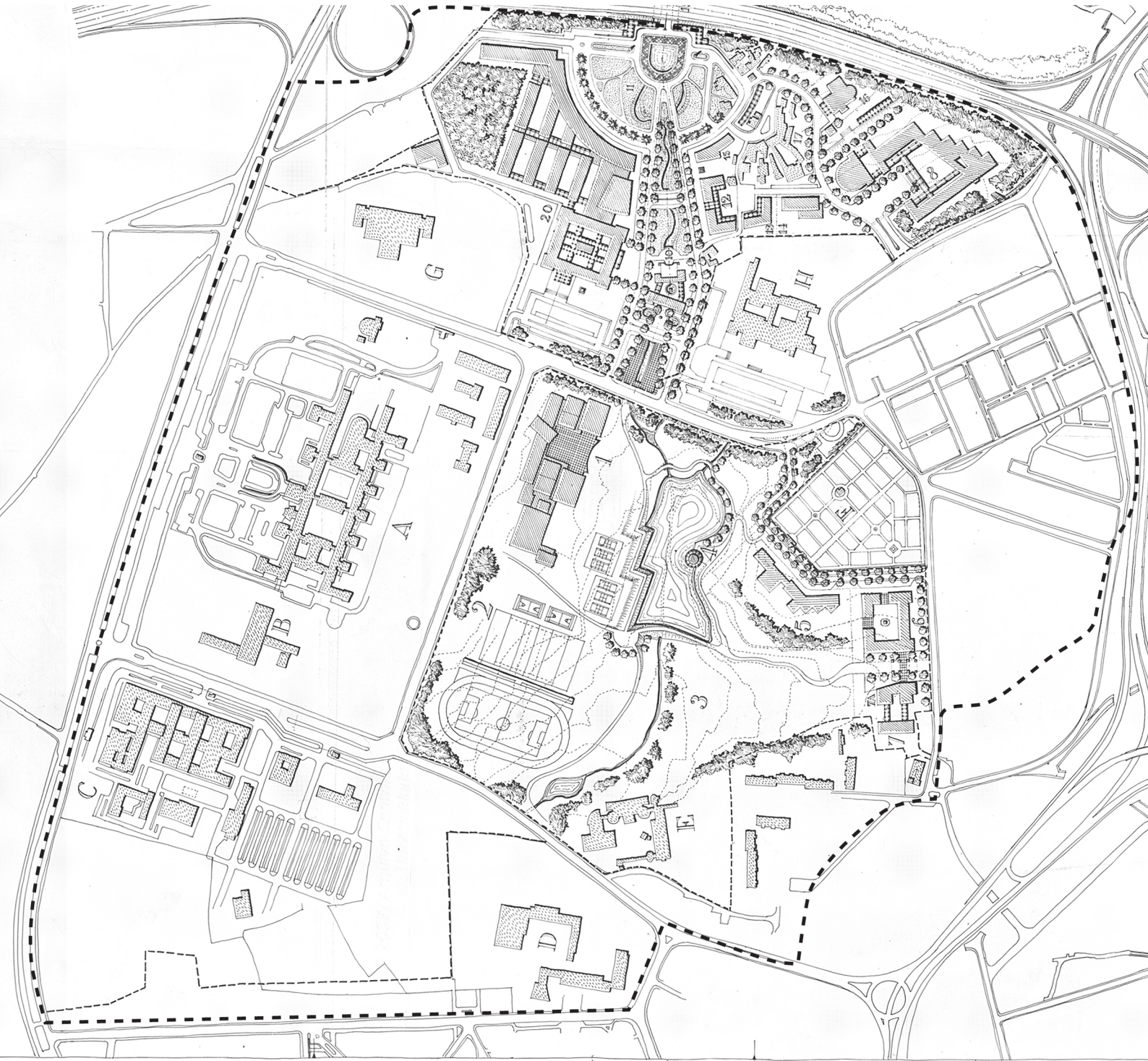
P2UP Plano do Pólo 2 da Universidade do Porto
Estudo Prévio - Solução III
Planta Geral - Arq. Luiz Cunha

Descrição

Solução III apresentada pelo Arquiteto Luiz Cunha, propondo diversos edifícios universitários ligados por estruturas de circulação pedonal e um parque central com ribeira naturalizada.

N
0 100m

----- Limite do estudo



Ano 1987

P2UP Plano do Pólo 2 da Universidade do Porto
Estudo Prévio - Solução II
Planta Geral - Arq. Luiz Cunha

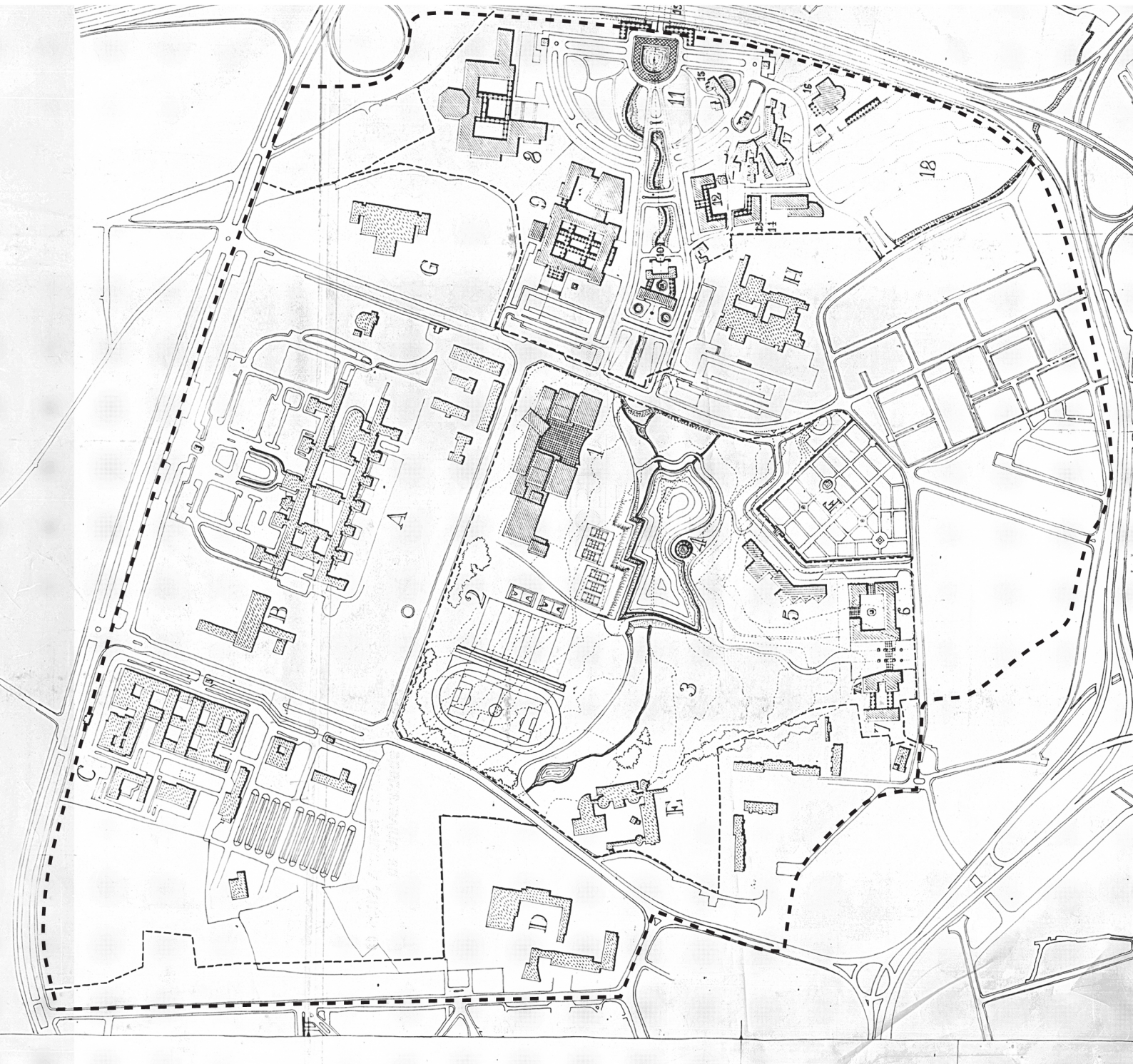
Descrição

Solução II apresentada pelo Arquiteto Luiz Cunha, propondo diversos edifícios universitários ligados por estruturas de circulação pedonal e um parque central com ribeira naturalizada.

N

0 100m

----- Limite do estudo



Ano 1987

P2UP Plano do Pólo 2 da Universidade do Porto
Estudo Prévio - Solução I
Planta Geral - Arq. Luiz Cunha

Descrição

Solução I apresentada pelo Arquiteto Luiz Cunha, propondo diversos edifícios universitários ligados por estruturas de circulação pedonal e um parque central com ribeira naturalizada.

N

0 100m

----- Limite do estudo



Ano 1979-1989

Aquisição de terrenos

Direção Geral das Construções Escolares

Descrição

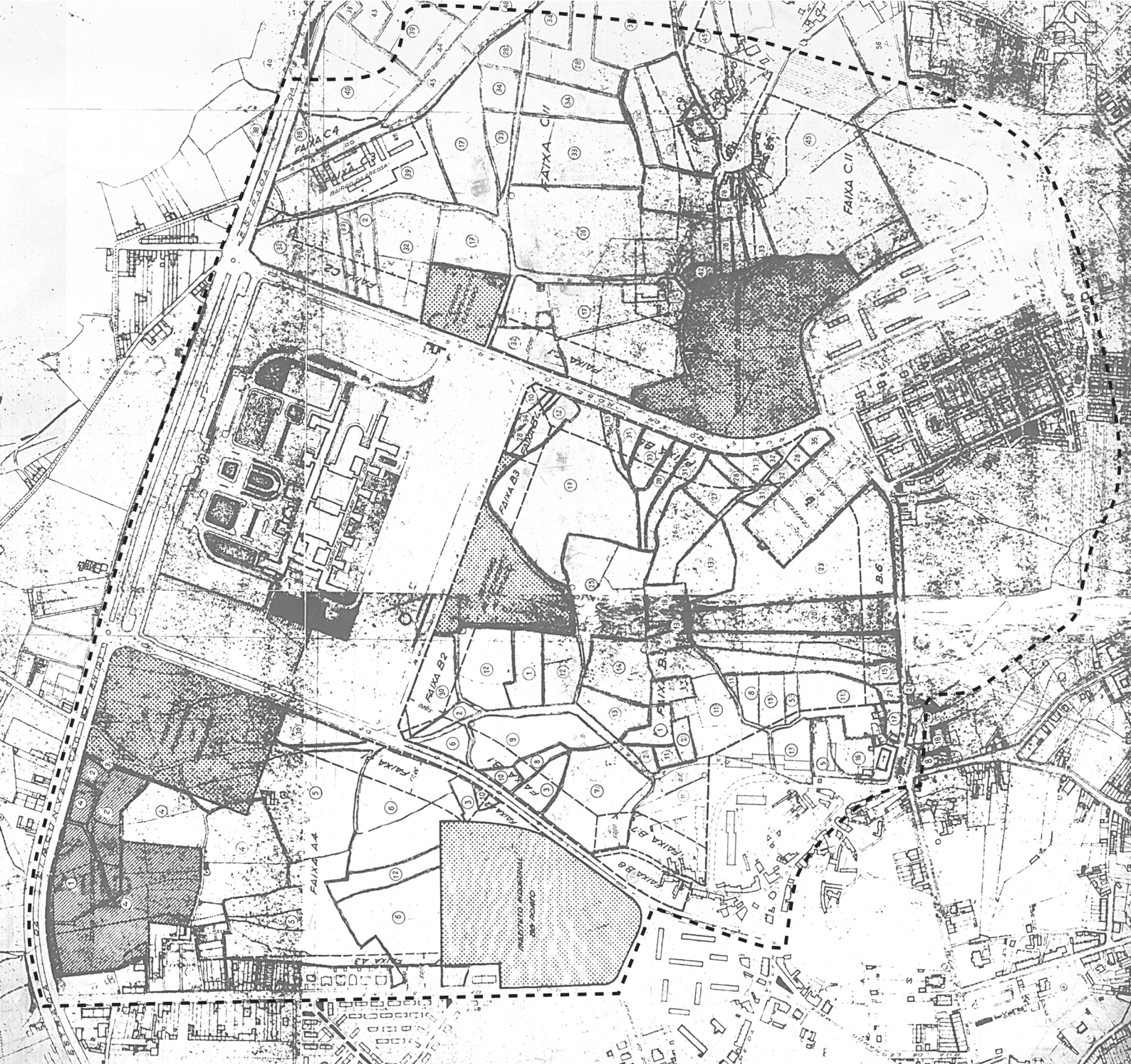
Planta onde é apresentada a proposta de aquisição de terrenos (a vermelho). Pode-se observar a presença da Faculdade de Economia, o Instituto Português de Oncologia e a Escola superior de educação.

Sobre esta carta existem alguns esboços relativamente a uma estrada proposta como prolongamento à Rua Faria Guimarães. Pode observar-se também uma possível proposta da criação de uma bacia de retenção de água com margens naturalizadas no leito de cheia da Ribeira da Asprela, não havendo atualmente indícios da sua execução.

N

0 100m

----- Limite do estudo



Ano 1959-1968

Planta relativa à estimativa da aquisição de terrenos
Pólo 2 da Universidade do Porto

Descrição

Planta relativa à estimativa de aquisição de terrenos que parte da iniciativa da Universidade do Porto para o projeto do Pólo II da Universidade do Porto.
Observa-se nesta planta os terrenos destinados ao Instituto Industrial do Porto, à Faculdade de Economia, ao Instituto Português de Oncologia e alguns terrenos pertencentes ao estado.

N

0 100m

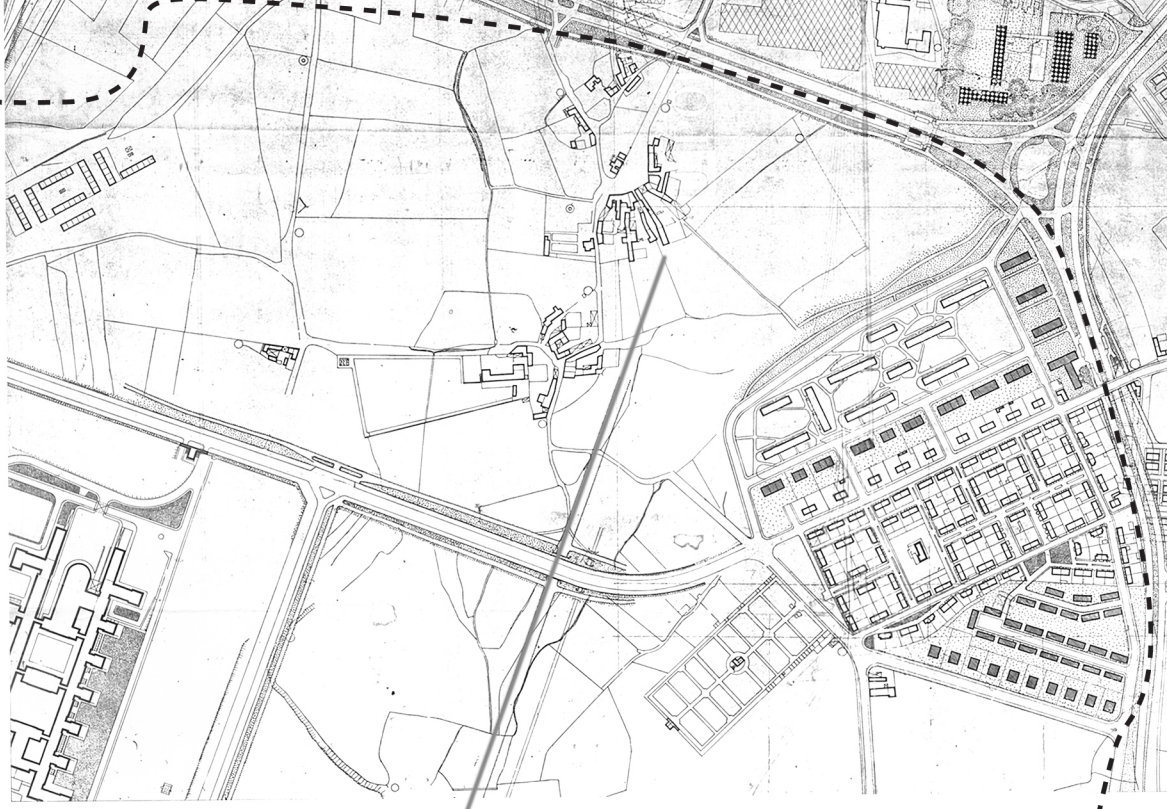
----- Limite do estudo

Ano 1959-1974

Universidade do Porto - Pólo 2
Planta Topográfica - 25

Descrição

Podemos observar a presença de desenho de uma nova via não sendo no entanto construída.



N

0 100m

----- Limite do estudo

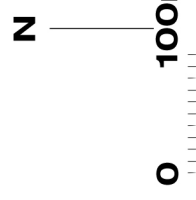


Ano 1959-1968

Excerto da Planta Topográfica da Cidade do Porto
Câmara Municipal do Porto,
Repartição de Urbanização

Descrição

Podemos observar a presença marcante do Hospital escolar de S. João com alinhamentos à estrada da Circunvalação e as duas ruas de ligação à mesma.
Na paisagem ainda predominam os terrenos agrícolas não havendo construção significativa além do hospital.



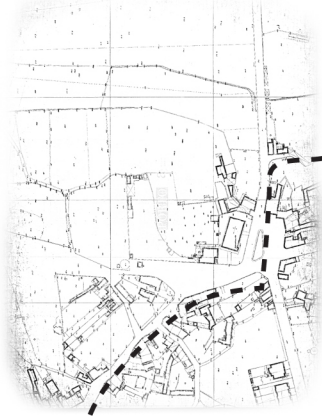
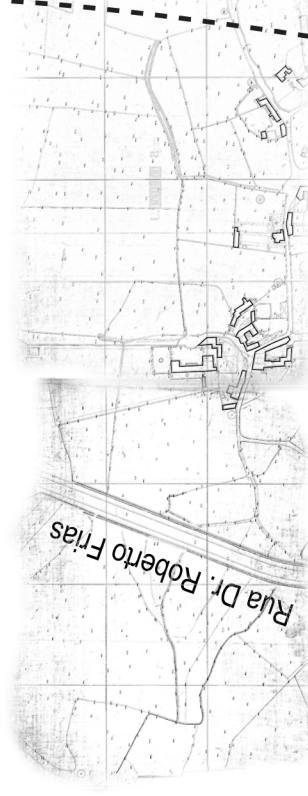
----- Limite do estudo

Ano 1952-1956

Universidade do Porto - Pólo 2
Planta Topográfica
folhas - 247, 263 e 279

Descrição

Podemos observar na cartografia de 1956 o surgimento da Rua Dr. Roberto Frias que faria a ligação à estrada da Circunvalação.



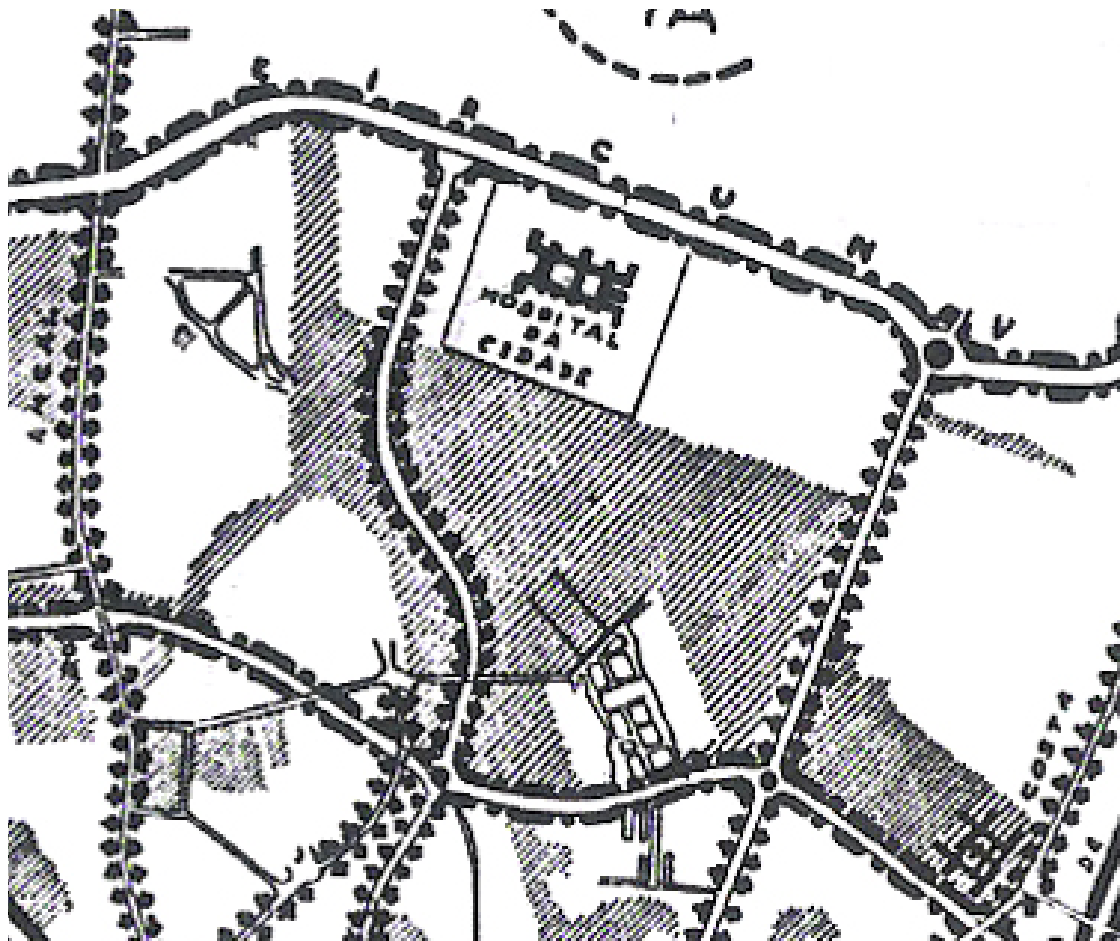
N

0 100m

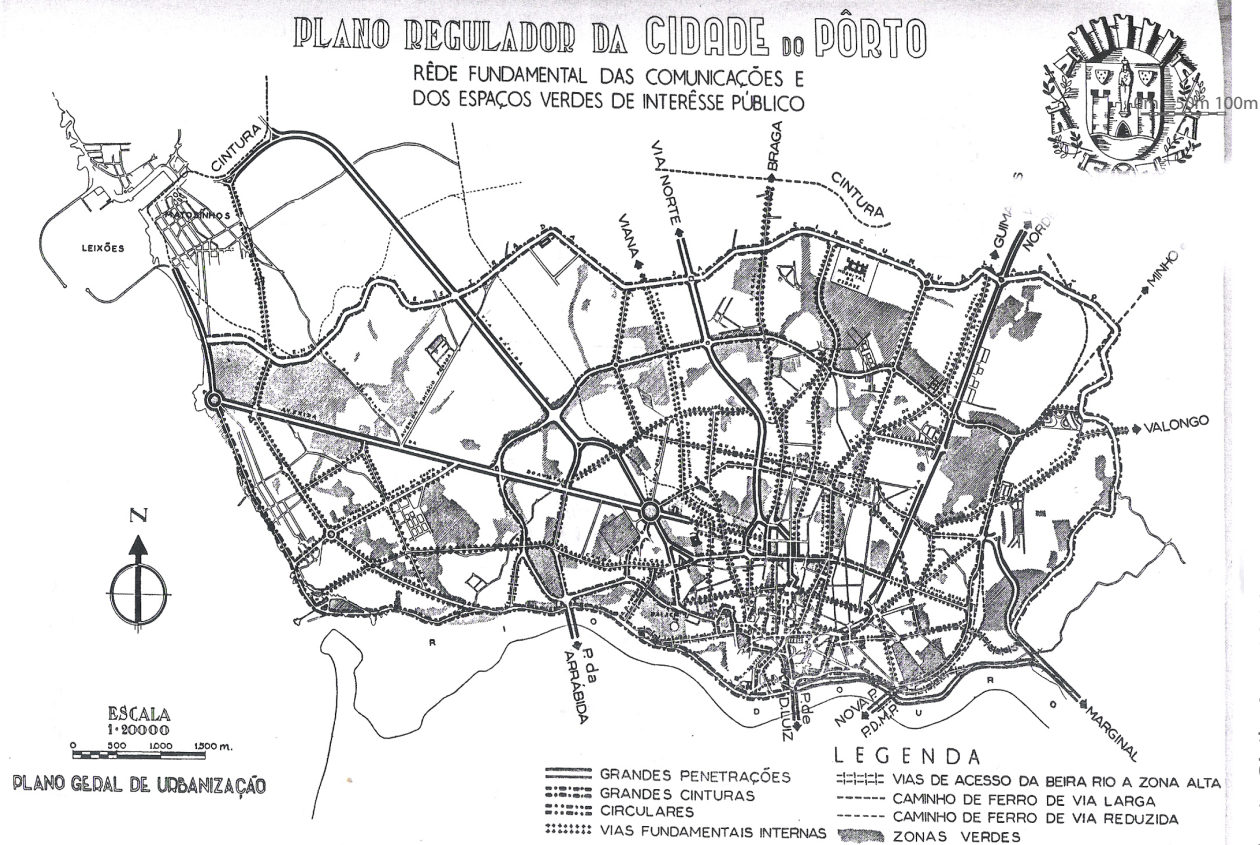
----- Limite do estudo

Anexo 1.1 Fase Revisão bibliográfica

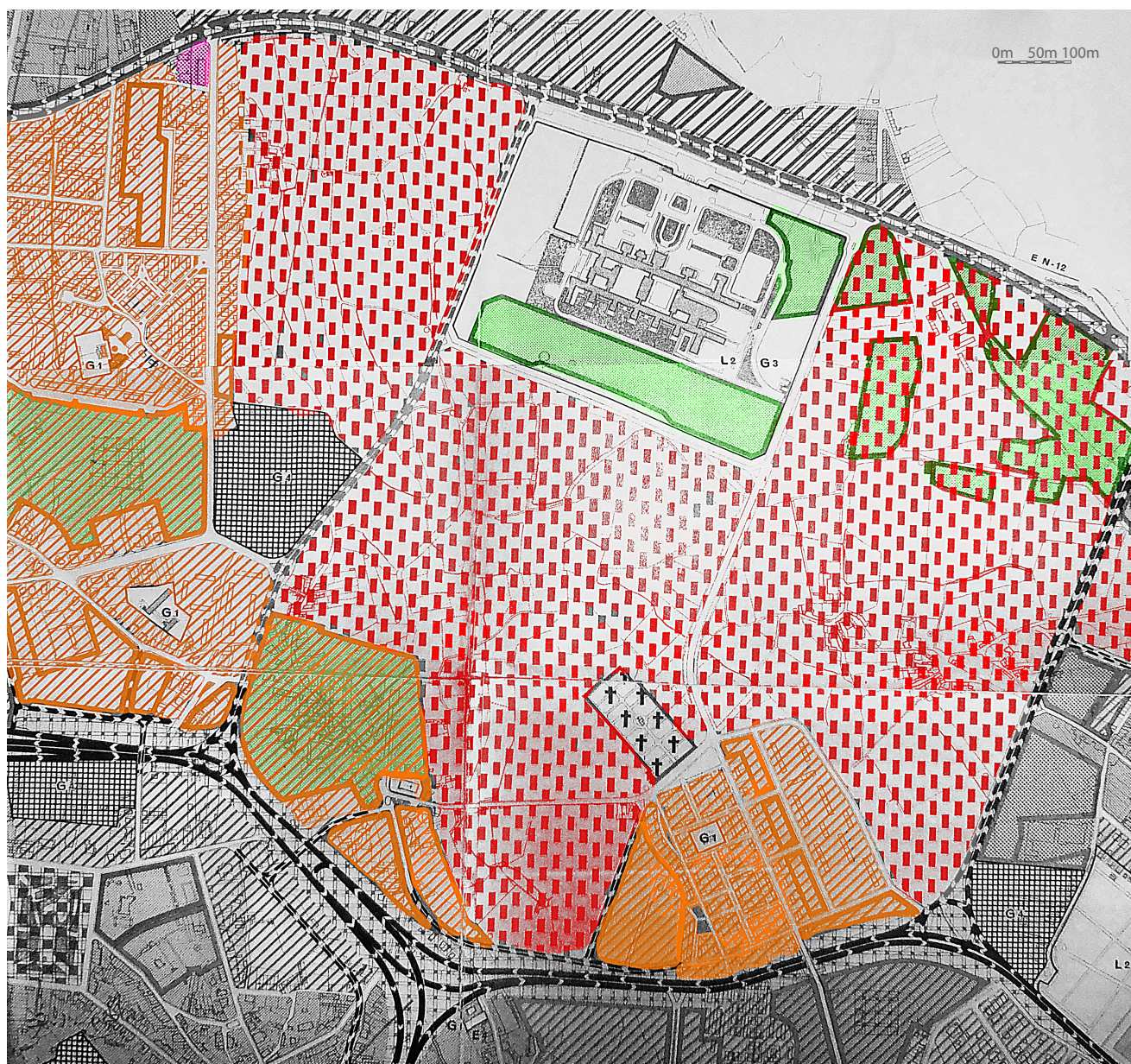
Plano regulador da cidade do Porto - Direção de planeamento urbanístico - Centro de estudos de engenharia Civil - Ano 1946



Plano regulador da cidade do Porto - Zona da Asprela



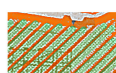
Plano regulador da cidade do Porto - Rede Fundamental das comunicações e dos espaços verdes de interesse público



Planta de zonamento



Zona universitária



Zona residencial a criar com espaço verde associado



Zona residencial existente



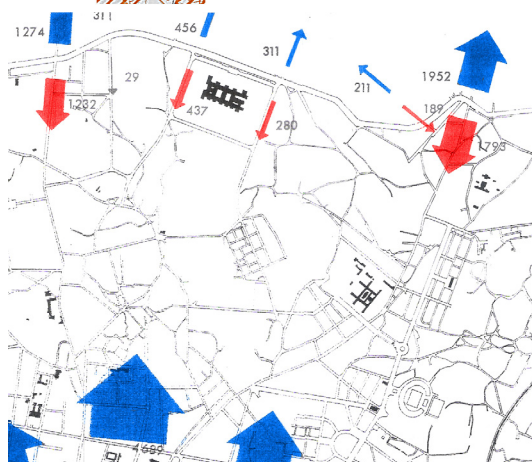
Zona residencial a criar



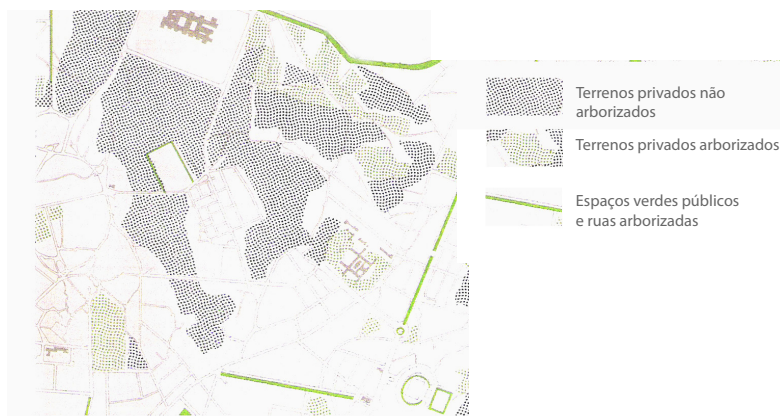
Espaço arborizado existente a manter



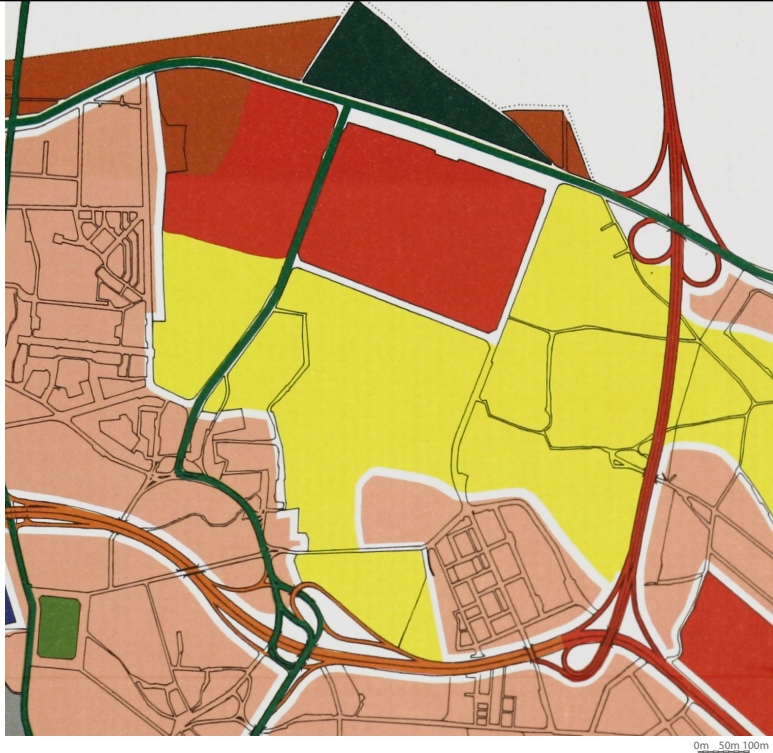
Espaço verde particular a reservar para serviço público ou de interesse público



Planta de principais entradas (vermelho) e saídas (azul) da cidade



Planta de terrenos privados e públicos



Excerto da planta regulamentar de zonamento e hierarquização do sistema viário do PDM do Porto em vigor a partir de 1993

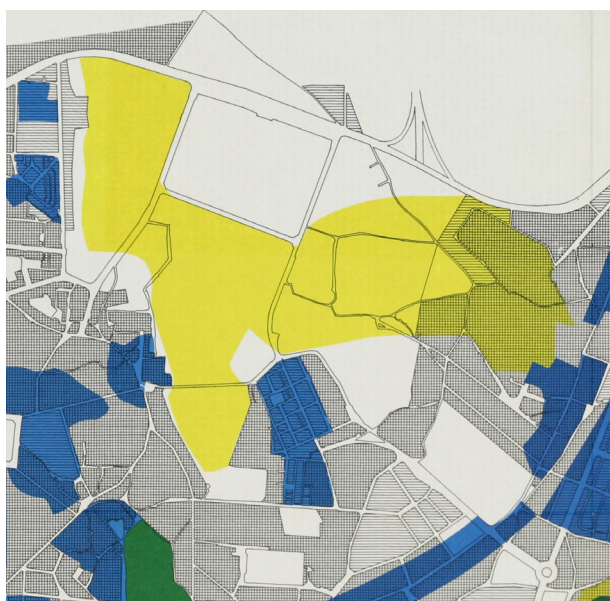
LEGENDA:

A. ZONAMENTO (Secção V, Art.º 15.º a 23.º)

- Unidades de ordenamento
- Zonas Universitárias e Culturais
- Zonas Desportivas
- Zonas Verdes e Parques Urbanos
- Zonas dos Sistemas Fundamentais de Transportes
- Zonas Hospitalares
- Zonas Mistas
- Zonas de Defesa e Segurança
- Zonas de Serviços e Equipamentos
- Zonas de Reserva
- Cemitérios
- Área Central

B. HIERARQUIZAÇÃO DO SISTEMA VIÁRIO FUNDAMENTAL (SECÇÃO III, ART.º 9º e 10º)

- Auto-Estradas
- Vias Rápidas Urbanas (nível 1)
- Vias Fundamentais de Ligação (nível 3)
- Vias de Servidão Local (nível 5 e 6)



Excerto da planta regulamentar de disposições fundamentais sobre edificação urbana do PDM do Porto em vigor a partir de 1993

LEGENDA:

A. COEFICIENTE DE OCUPAÇÃO DO SOLO (Valores Máximos) (Secção I, Art.º 2.º)

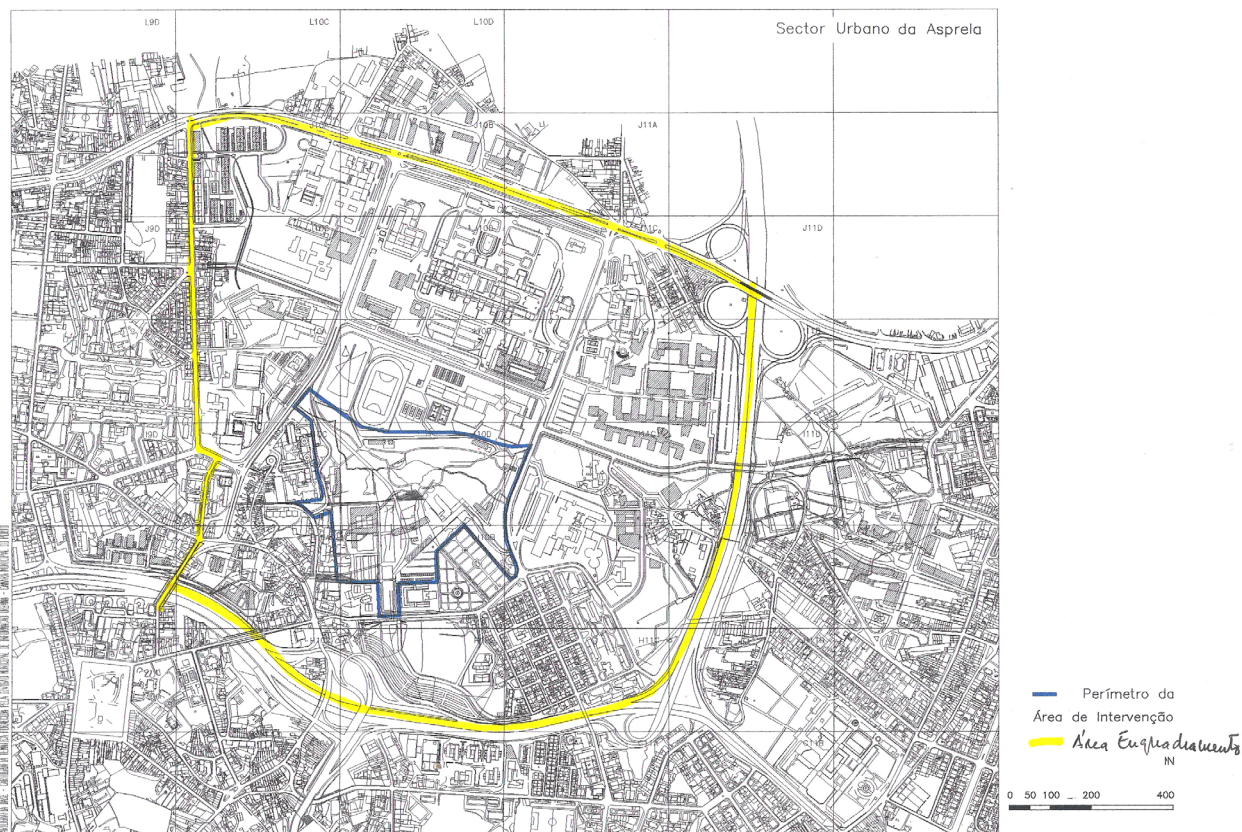
- 0
- 2 m³/m²
- 5 m³/m²

B. ÁREAS DE URBANIZAÇÃO PRIORITÁRIA) (Secção I, Art.º 3.º)

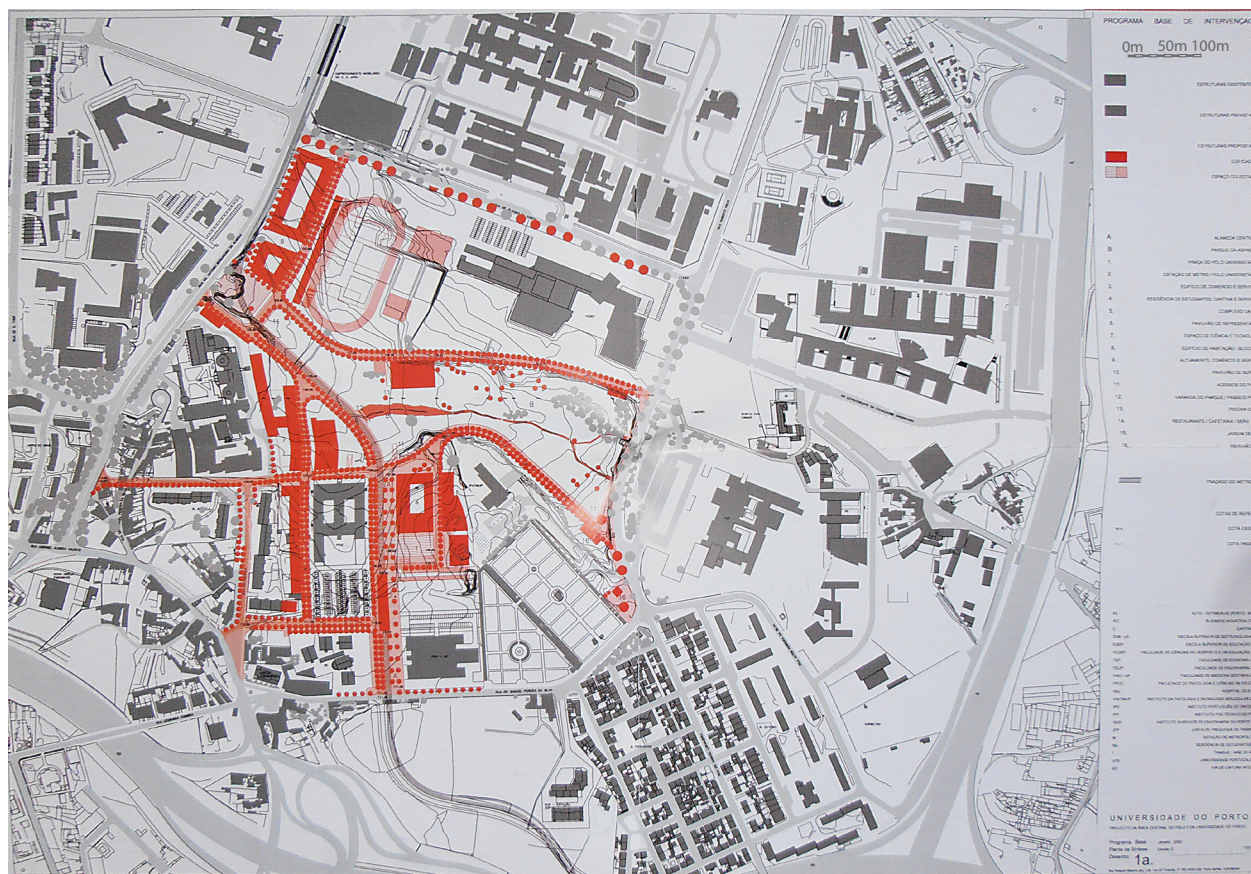
- Limites

C. ZONAS DE PROTECÇÃO (Secção I, Art.º 18.º)

- Paisagística
- Urbanística e Arquitectónica
- Paisagística/Urbanística e Arquitectónica



Limite da área de intervenção (azul) e limite da área de enquadramento (amarelo)



Planta de síntese indicando eixos viários, espaços coletivos e edifícios propostos

Nota: Todos os anexos seguintes identificados com 1.4 têm como fonte o Projeto da área central do Pólo II da Universidade do Porto – Programa base do Arq. Rui Passos Mealha e foram cedidos para consulta pelo colaborador deste Projeto Arq. Paisagista Paulo Farinha Marques responsável pela intervenção paisagística do mesmo.



Levantamento fotográfico da zona central do Parque da Asprela - Zona de conservação (Salgueiral, Charcas e Lameiros); Maciços Arbóreo- Arbustivos de Estruturação Espacial, Habitat e enquadramento; Prados Semi- Espontâneos (cortados regularmente) - Zonas para preservação e inclusão no parque sem acréscimo significativo de instalação, gestão ou manutenção - MARQUES, Paulo (2000)

Anexo 1.4.2 Fase Revisão bibliográfica

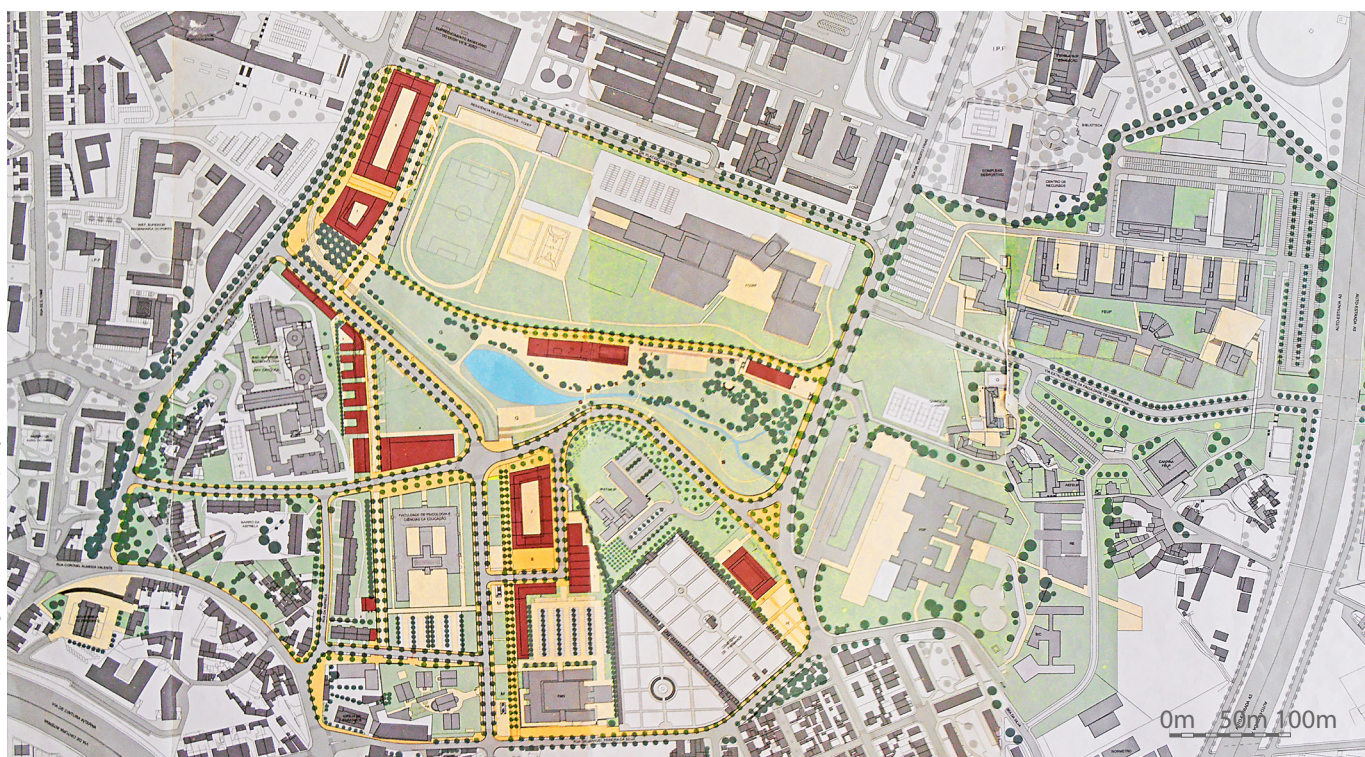
Intervenção paisagística sobre o projeto da área central do Pólo II da Universidade do Porto – Programa base – Rui Passos Mealha arquiteto lda - Com colaboração Arq. Paisagista Paulo Farinha Marques



Esquema - Zona central do Parque da Asprela - Paulo Farinha Marques - Ano 1999



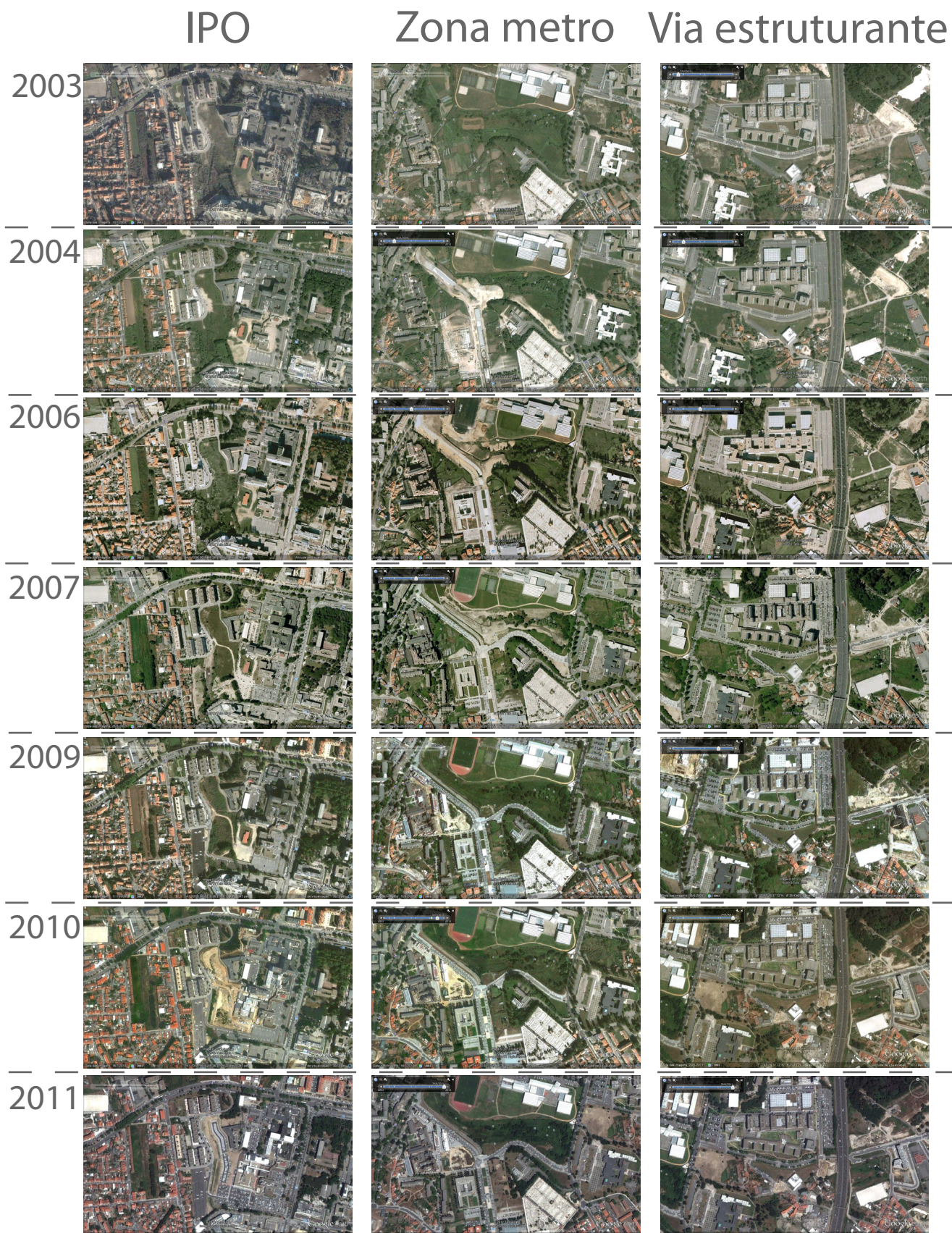
Esboço plano geral - Zona central do Parque da Asprela - Paulo Farinha Marques - Ano 1999



Plano de intervenção paisagística sobre o projeto da área central do Pólo II da Universidade do Porto
Paulo Farinha Marques - Ano 2004 - Ruas, praças e parques de estacionamento arborizados; Parques públicos; Zonas pedonais

Anexo 1.5 Fase Revisão bibliográfica

Evolução tecido urbano - Análise vista satélite 2003 a 2011 - Fonte: Google maps - www.google.com



A Cidade Universitária do Porto vai ser uma realidade!

«Viemos trocar algumas impressões sobre este problema. A ideia está a nascer»

— afirmou-nos o titular da pasta das Obras Públicas

Por diversas vezes temos levantado aqui o problema da Cidade Universitária do Porto, solução que se impunha sob todos os pontos de vista, e que exemplos estrangeiros e até nacionais aconselhavam.

O ensino superior ministrado nesta cidade é destinado à população escolar de todo o norte do País está longe de corresponder ao que dele se espera. É um dos mais fortes motivos reside, precisamente, na dispersão dos serviços, na falta de condições de trabalho profíquo, quer para alunos quer para mestres, na carência de apetrechamento conveniente e na ausência de um sentimento de comunidade académica, indispensável para o estímulo ao estudo e a investigação científica.

A Faculdade de Economia e o Estádio Universitário serão as primeiras construções a levar a cabo na Asprela, ao lado do Hospital Escolar

*"O Primeiro de Janeiro"
Vol 25 - 10 - 1958*

1

Referências

1- A Cidade Universitária do Porto vai ser uma realidade
In "O Primeiro de Janeiro"
Data: 25 - 10 - 1958

2- A Universidade no Porto - Ano 2000 zonas residenciais,
uma das inovações do plano-estrutura do «Pólo 2»
In "O Primeiro de Janeiro"
Data: 26 - 03 - 1957

Fonte: Repositório temático da UP - <http://repositorio-tematico.up.pt/>

A UNIVERSIDADE NO «PORTO - ANO 2000» 3

ZONAS RESIDENCIAIS: UMA DAS INOVAÇÕES do plano-estrutura do «Pólo 2»

Do notável «plano-estrutura», da autoria do arquitecto português Luis Cunha, para o estudo e elaboração do projecto definitivo do chamado «Pólo 2 da Universidade do Porto», nos terrenos da Asprela, referiremos hoje, a concluir, alguns dos aspectos mais característicos ou curiosos dos diversos núcleos de edificações definidos no referido trabalho.

De um modo geral, as «manchas» de construção das faculdades compreendem três tipos de edifícios, cujas características são de referir. Assim, por exemplo, os que marginam os caminhos do peões — com um desenvolvimento acentuadamente linear e com salas para ensino genérico — terão em média três pisos, sendo o rés-do-chão por vezes aberto, de modo a permitir do passeio público a vista para os pátios e claustros que porventura haja. Antecedendo estes edifícios, e ao longo do seu comprimento total, haverá um pórtico coberto para protecção dos peões, e, sobre ele, correrá uma galeria fechada, com acesso, pelo meio de escadas, aos três pavimentos de salas de aula.

De outro tipo, serão os edi-

níveis do pavimento da praça, e aproveitando a modularidade dos diversos tipos de salas de conferências, auditórios ou anfiteatros que os programadistas e horaristas vieram a justificar.

Para possíveis centros de investigação — uma vez que esta tende cada vez mais a

por Eduardo Soares

tornar-se uma actividade complementar das funções docentes — o arquitecto Luis Cunha reserva três zonas: uma, a poente do Hospital Escolar de S. João e do Instituto de On-

será melhor transcrever, textualmente, o que o arquitecto Luis Cunha escreveu:

«Retenham-se ao sector residencial algumas das opções mais importantes que nos foi dada, tomar em relação a este trabalho. Sabemos que não é hábito das nossas universidades reservarem instalações para a habitação de alunos ou de professores. Essas necessidades são resolvidas um pouco ao sabor do caso — umas vezes melhor, outras vezes pior — para habitantes vizinhos — alguns quartos, ou por vezes particulares que criam «lares», «residências», etc.»

«Ponderando vantagens e inconvenientes, e pretendendo dar às autoridades responsáveis a possibilidade de incluir na futura comunidade os dois tipos de organização residencial, concebemos este sector do plano com uma capacidade bastante superior à indicada para o número de alunos considerados na nossa hipótese de máximo desenvolvimento, a fim de ser possível incluir-se residências particulares junto dos «lares de jovens», podendo estes — a nosso ver com vantagens diversas — continuar a ser da iniciativa e exploração



perfil transversal-tipo de um núcleo residencial central apresentado a escala 1:500

ZONAS RESIDENCIAIS: uma «cidade» em planeamento de centros universitários. Na gravura, perfil transversal-tipo de um dos núcleos.

fícios destinados a aulas com equipamento especializado, pelo que necessitam, consequentemente, de uma complexa rede para transporte de energia ou fluidos, e instalações para extracção de fumos ou gases. Ocuparão construções de quatro a cinco pisos, dispostas ortogonalmente, umas em relação às outras, formando quadros em cujos vértices se erguem torres com acessos por escada e ascensor, além das condutas verticais. O rés-do-chão será comum ao das oficinas ou laboratórios pesados, quando disso houver necessidade.

Quanto aos edifícios específicos ou caracterizadamente construídos para a instalação de laboratórios de material pesado ou oficinas equipadas com maquinaria, ocuparão o rés-do-chão dos espaços entre os blocos de laboratórios. Isto é: serão predominantemente desenvolvidos ao nível do solo, embora em casos que o requiramos, possam ter um andar elevado, além do rés-do-chão.

Todos os edifícios destes três tipos comunicam entre si, interiormente, por galerias coincidentes com os eixos longitudinais dos respectivos blocos. O dimensionamento da malha quadrada formada pelas galerias foi calculado de modo a que o espaço entre duas torres de escanões contíguas, corresponda a um percurso de um minuto a pé, o que equivale a uma distância de 72 metros (10 módulos arquitectónicos de 7,20 m).

Concluindo: utilizando estes três tipos de edifícios, será possível compor as construções para as diversas faculdades, de acordo com os programas particulares de cada uma.

Quanto ao caso particular da chamada «Zona Central» do «pólo universitário», será — do ponto de vista volumétrico — como que uma praça pública, escalonada em duas grandes plataformas, abrigada do norte pelas massas arquitectónicas do grande auditório e da biblioteca geral e aberta para sul, sobre a vista panorâmica do parque fronteiriço com a superfície espelhada do lago que o separa da zona desportiva, ao fundo. No centro da praça e a nível mais elevado, indicase um anfiteatro ao ar livre, construído de modo a que constitua um recinto ajardinado quando não estiver em uso.

Por outro lado, sob os dois

colégio; outra, a sudeste da Faculdade de Economia; e a terceira, a nascente da artéria que liga a Via de Cintura Interna com a Estrada de Circunvalação.

Claro que um complexo como o «Pólo 2 da Universidade do Porto» — que poderá atingir os 15 mil alunos, com o proporcional número de professores — exige serviços administrativos adequados. Para estes serviços destinou-se-lhes um edifício-torre, que poderá ir até um altura de 12 pisos, em cujos andares superiores poderiam prever algumas instalações do tipo de quarto de hotel para alojamento de professores visitantes.

A «Zona Desportiva» — localizada a sul dos terrenos da Asprela (ou melhor dizendo, a norte do cemitério de Paranhos) — compreenderá um estádio com a lotação aproximada de 15.000 espectadores; um campo de treinos, campos de basquetebol, hóquei, ténis, etc.; duas piscinas, uma descoberta de 50 metros de comprimento e com tanque de saltos, outra coberta, de 25 metros; vestiários, chuveiros e instalações sanitárias. Do lado nascente da estrada de penetração a acesso à zona central, será implantado um pavilhão desportivo, cuja forma difere da dos modelos-tipo vulgarmente construídos, por incluir uma bancada disposta de forma a ficar metade voltada para a parte interior do pavilhão, e a outra metade para um campo de jogos exterior. Complementarmente, haverá grandes zonas verdes.

Finalmente, o caso das «Zonas Residenciais». Mas sobre este problema muito particular,

particulares. Trata-se pois de um critério misto, que procura adaptar as vantagens de uma residência bem próxima dos locais de estudo com as de uma íntima integração do estudante na comunidade citidana de que faz parte.

De acordo pois com este ponto de vista, estão previstos dois tipos de blocos residenciais: um, constituído por edifícios de um número de pisos que varia entre os 6 e os 9; outro, formado por blocos alongados, por vezes de alinhamento de fachada em linha quebrada, cuja altura não excede os cinco pisos. O primeiro tipo, especialmente, terá um papel fortemente caracterizador da paisagem urbana prevista. Estes blocos constituirão, certamente, núcleos geradores de convívio urbano, particularmente animados nos períodos para além dos horários lectivos. Será este um modo de evitar o despojeamento da «cidade universitária» após os tempos de aulas e de conferir a aqueles locais uma «vida» que nos parece — escreve o autor do «plano» — importante estímulo das actividades intelectuais.

Embora muito resumidamente, eis alguns dos pormenores fundamentais do «plano-estrutura» do «Pólo 2 da Universidade do Porto», cujo trabalho, o seu autor, arquitecto Luis Cunha, encerra com as seguintes considerações:

«Falámos de edifícios, áreas, zonas, circulações, ambientes, etc. — enfim, de tudo aquilo que poderia contribuir para a criação da imagem de uma obra material. O essencial, no entanto, como sabemos, é o conteúdo de todos estes espaços, a vida que os há-de animar e justificar. Por tal motivo, ao terminar este estudo, sinto-me que, para que possa ter realidade, carece de ser pensado e concretizado nos planos propriamente pedagógicos e administrativos que pressupõe.

E na esperança de que renovados esforços possam ser empreendidos nesses sentidos (e de que as entidades intervenientes apresentem a enumeração de necessidades e sugestões, integradas num sistema de trabalho acompanhado por aquelas, através de contactos regulares) que nós apresentamos este estudo, convencidos de que ele apenas pode abrir o processo de concepção do «Pólo 2 da Universidade do Porto».

2

O PORTO

CIDADE UNIVERSITARIA

A Universidade do Porto serve a área mais densamente povoada e uma das mais laboriosas do país. Mais de dois milhões de portugueses habitam os distritos de que o Porto é o centro universitário. Um simplíssimo cálculo americano mostra que a existência duma Universidade neste burgo de tão honrosas tradições de trabalho e de patriotismo não é favor nenhum. A Espanha tem uma Universidade para 1.800.000 habitantes, como a França. A Belgica tem uma por 1.600.000; a Italia uma por 1.400.000; a Suíça uma por 600 mil habitantes. Estas proporções falam mais eloquentemente do que a mais aparatosa retórica. Como muito bem escrevia ha tempos o sr. dr. Simões Raposo, Portugal tem mesmo população e condições que lhe permitiam possuir mais de 3 Universidades!

Já aqui dissemos que a frequência da Universidade portuense bastaria para justificar a sua existência, se fôsse necessário e adequado invocar um tal critério para essa justificação. Uma das suas Faculdades, a de Sciencias, tem tido anualmente uma população escolar quasi tão grande ou até maior do que todas as Faculdades reunidas dalgumas conhecidas e respeitadas Universidades estrangeiras, como as de Neuchatel, Friburgo, Perugia, do *Sacro-Cuore* de Milão, etc. E' o que dizem os números arquivados nos annuarios «Minerva» e «Index generalis». Em confronto com os estabelecimentos congêneres das outras Universidades portuguezas, as Faculdades do Porto não apresentam uma frequência menor; antes, nalguns casos, os ultrapassam.

Pela sua população e categoria o Porto tem pleno direito á sua Universidade. As cidades estrangeiras, em idênticas circumstancias, possuem Universidades, como Manchester, Barcelona, Lyon, etc. Todas as cidades espanholas com população aproximada são centros universitários, como Valencia, e igualmente o são cidades muito menos populosas.

A honrosa e intensa actividade fabril e commercial do Porto, não contra-indica que ele seja tambem a sede dum organismo universitario. Os exemplos citados de cidades estrangeiras são bem demonstrativos de que não ha incompatibilidade entre uma coisa e outra. Já vão longe os tempos em que os dignos burguezes portuenses eram os primeiros a temer que viesse de Coimbra para o Porto a antiga Universidade, e preconisavam as virtudes das aguas do Mondego, especificas para apurar engenhos e illuminar os entendimentos...

O Porto não tem só pergaminhos de actividade mercantil e industrial e de nobre devoção cívica. Desde longínqua data tem sido a sede duma vida intelectual intensa. Aqui nasceram ou aqui demoradamente viveram individualidades notaveis nas letras patrias como Andrade Caminha, Bernarda de Lacerda, Garrett, Faustino Xavier de Novais, Soares de Passos, Camilo, Julio Diniz,

Guerra Junqueiro, Ramalho, Arnaldo Gama, pensadores eruditos e publicistas como Uriel da Costa, João Pedro Ribeiro, Ribeiro dos Santos, Sousa Viterbo, Oliveira Martins, Bruno, Bazilio Teles, Maximiano de Lemos, homens de sciencia como Pedro de Amorim Viana, Ferreira da Silva, Manuel Bento de Sousa, Julio de Matos, etc.

Varios poetas portuenses figuram no cancioneiro de Garcia de Rezende. Houve aqui varias academias e sociedades literarias, e a primeira gazeta literaria de Portugal foi fundada no Porto. Em tempos mais proximo de nós, existiram aqui a Sociedade Carlos Ribeiro, de que safu o núcleo brilhante da grande revista «Portugalia» (que se publicou no Porto e causou impressão em todo o mundo), e a Sociedade de Geografia Commercial que teve por fundador Oliveira Martins. Não pertencem ao Porto irrecusaveis titulos literarios e scientificos á posse duma Universidade, com as suas Faculdades de Letras, de Sciencias puras e de Sciencia applicadas?

Já neste jornal escrevemos que a Universidade do Porto não tem uma existência meramente nominal. Quanto ao seu ensino, ele não é, de modo algum, inferior, em geral, ao das outras Universidades portuguezas. A actividade scientifica dos seus institutos de investigação é hoje conhecida e apreciada em todo o mundo culto. Os nomes de Gomes Teixeira, Magalhães Lemos e doutros illustres professores da nossa Universidade não honram, perante os centros scientificos estrangeiros, apenas este estabelecimento de ensino, mas Portugal inteiro.

Funcionam hoje activamente, junto da Universidade, varias sociedades scientificas, de biologia, fisica, quimica, antropologia, etc. Publicam-se varias revistas, como os «Anais da Faculdade de Sciencias do Porto», cujo renome é universal, a «Revista de Estudos Historicos», dirigida pelo prof. Damião Peres, varias revistas de estudos medicos, a «Revista de Quimica Pura e Applicada», os «Trabalhos da Sociedade de Antropologia», etc. Essas revistas, como os institutos e sociedades referidas, mantem estreitas relações com muitos centros scientificos estrangeiros.

No dominio da extensão universitaria, não são menos valiosos os esforços desenvolvidos pela Universidade portuense. Ainda no ano lectivo findo a «Renasceça Portuguesa» promoveu uma série de conferencias de vulgarização, quasi todas realisadas por professores e estudantes da Universidade do Porto.

Emfim, esta nobre e laboriosa cidade não só tem todo o fas a constituir um centro universitario, mas pode legitimamente orgulhar-se do esforço honesto, util e perseverante realisado pelos seus estabelecimentos de instrução superior.

Tem-se affirmado que existe um plano de remodelação, segundo o qual o Porto seria privado da Universidade e de Fa-

culdades de estudos especulativos, para ficar apenas tendo escolas tecnicas, institutos de sciencias applicadas. A existência destes é evidentemente indispensavel, mas o aniquilamento da Universidade e das Faculdades de Letras e de Sciencias seria gravemente lesivo da cultura portugueza, dos interesses do norte do país e dos brlos e dos mais indeclinaveis direitos desta cidade, berço assinalado do iniciador da tarefa scientifica de que resultou a descoberta de novos mundos, gloria imorredoura dos Portuguezes.

Artigo de A. A. Mendes Correia

Referências

4- O Porto Cidade Universitaria - Artigo de opinião de Dr. Mendes
In "O Primeiro de Janeiro"

Data: 11 - 11 - 1928

Fonte: Repositório temático da UP - <http://repositorio-tematico.up.pt/>

Referências

5- Marçal, Horácio (1955), *S. Veríssimo de Paranhos: subsídios para a sua monografia*, Câmara Municipal de Porto
 Fonte: Arquivo histórico - documentos e memórias para a história do Porto XXV

S. VERÍSSIMO DE PARANHOS

Paranhos ⁽¹⁾ e passou a seu pai António Paranhos ⁽²⁾ que, comprando a parte dos irmãos, ficou seu único proprietário. Esta magnífica e vasta herdade, que teve, como vimos, diversas denominações, é hoje conhecida também por «Quinta do Paranhos», nome tomado dos seus últimos representantes.

QUINTA DAS LAMAS

TAMBÉM CONHECIDA POR «QUINTA DA VISCONDESSA»

Pertenceu esta óptima propriedade a D. Clara Joaquina Ferreira Braga, viúva de Inácio José Marques Braga.

D. Clara vendeu-a a D. Maria do Carmo de Araújo Martins de Gouveia Morais Sarmento ⁽³⁾, viúva de António Marinho Falcão de Castro Morais ⁽⁴⁾, primeiro Visconde de Roriz ⁽⁵⁾, bacharel formado em Direito, fidalgo da Casa Real, Senhor das Casas do Penedo em Pias, Monção, da Nogueira

⁽¹⁾ Faleceu na «Quinta da Granja», em Campanhã, e sua esposa faleceu na «Quinta do Covelo» em 1893, tinha o seu neto Isidro, actual representante da casa, 9 anos de idade.

⁽²⁾ Faleceu em 13-3-1936, com 85 anos.

⁽³⁾ D. Maria do Carmo, Viscondessa de Roriz, era irmã do notável cientista e arqueólogo vimaranense Francisco de Araújo Martins de Gouveia Morais Sarmento.

⁽⁴⁾ Tinham casado em 4-8-1847.

⁽⁵⁾ Agraciado com este título por Decreto de 18-2-1853, em recompensa dos serviços prestados ao país por seu pai e avô, nos reinados de D. Maria I e D. João VI.

H O R Á C I O M A R Ç A L

da Ponte em Castêlões, de Lordelo em Carvalhosa, do Paço em Guimarães, Santo Estêvão de Geraz, Póvoa de Lanhoso, de Ruivães em S. Martinho do Campo e do Mosteiro em Roriz, Santo Tirso.

Faleceu o Visconde de Roriz em 28-2-1858 e a Viscondessa do mesmo nome, sua esposa, em 27-2-1899, na Foz do Douro.

Por sua morte coube a «Quinta das Lamas», em partilha, a suas filhas Angélica Júlia e Ermelinda Rosa Marinho Falcão de Castro Martins.

Falecida D. Ermelinda em 1923, deixou a meação na mencionada «Quinta» a sua irmã D. Angélica Júlia, e esta, por sua vez e por morte ocorrida em 1-6-1932, fez suas herdeiras as sobrinhas D. Maria Amélia (a quem devemos a especial fineza destas notas) e D. Maria Isabel Malheiro Marinho Falcão de Castro, casadas respectivamente com o Brigadeiro Luís Monteiro Nunes da Ponte e Joaquim do Vale Cabral.

No ano de 1934 foi vendida a Ernesto Canavaro, à viúva do qual pertence na actualidade e a tem alugada ao ano.

A sua entrada em meia laranja, com largo e alto portão enclausurado pela pedra de armas dos Viscondes de Roriz, cujo escudo remata com uma águia, é de uma austera imponência.

Tem boa casa de senhorio e casa de caseiro, uma capela privativa com 3 altares e uma abundante nascente de água. da qual beneficiam os extensos campos que lhe estão adstritos e nos quais vicejam os cereais e os legumes.

B - Limites da área destinada à Cidade Universitária

1. - Conforme já se afirmou a propósito da zona de protecção do Hospital Escolar nunca a Comissão, nem o autor do ante-projecto da Cidade Universitária Architecto Oldemiro Carneiro - opinião que mantem em informação sobre o assunto com data de 23/4/64 - , admitiram que os limites daquela ultrapassassem a Estrada da Circunvalação para o Norte, tendo-se desenvolvido os estudos obedecendo sempre a essa ideia.

Em 1960 foi o ante-projecto da Cidade Universitária do Porto - com os pareceres do representante da Universidade e do Conselho Superior de Obras Públicas-submetido à apreciação de Sua Excelência o Ministro, não figurando essa zona dentro dos limites da Cidade Universitária, pelo que não foi considerada no estudo qualquer parcela a Norte da Circunvalação, nem sequer como zona de reserva.

O ante-projecto da Cidade Universitária do Porto teve de ser concebido como um conjunto retalhado, devido às circunstâncias que se apresentavam em presença da rede viária local, já construída na altura. É assim formado pelas seguintes zonas distintas, separadas por arruamentos da Cidade: a do Hospital Escolar de S. João a Norte, a das Faculdades, a Nascente; a das instalações inerentes às actividades circum-escolares a Sul e a de reserva a Poente.

Em presença desta, já inevitável, compartimentação do terreno nunca houve qualquer empenho em estabelecer um quinto grande talhão a Norte da Estrada da Circunvalação, por ser este septo uma via existente, de apreciável largura e de grande e rápida circulação.

Poderia ter-se posto a hipótese de se criarem passagens superiores ou túneis de ligação entre as duas zonas, tal como no ante-projecto da Cidade Universitária se concebeu para a interligação das zonas poente-sul-nascente.

Mas nesta ligação norte-sul as obras a realizar seriam muito onerosas, pela grande largura da via a atravessar e pela indispensável amplitude e dignidade exigida para a ligação, dada a sua importância.

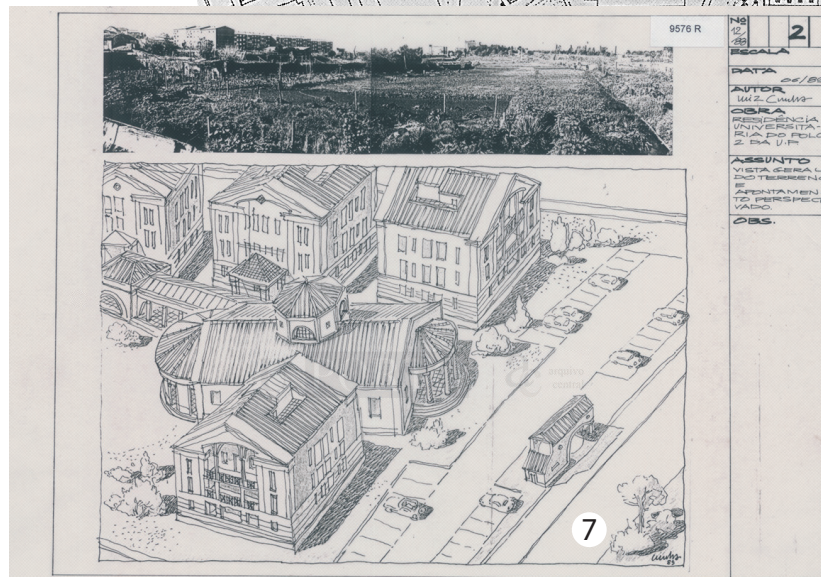
O ponto de vista da Comissão e do architecto autor do ante-projecto é aliás corroborado pelo representante da Universidade do Porto junto da CANIU para o estudo da Cidade Universitária, Professor Engenheiro Antão de Almeida Garrett e pelo Conselho Superior de Obras Públicas ao concordarem com a ampliação da área inicialmente prevista para a implantação dos estabelecimentos de ensino - zona nascente - para terrenos situados mais a nascente e a nordeste da projectada via de ligação da Avenida de Cintura à Estrada da Circunvalação (EN 12).

2. - Deverá assim - se Sua Excelência o Ministro concordar - comunicar-se à Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização não haver necessidade da utilização dos terrenos a Norte da Estrada da Circunvalação para a Cidade Universitária - nem para instalações destinadas aos estabelecimentos do ensino superior ou circum-escolares, desde já previstos, nem mesmo como zona de reserva.

Referências

6 - Excertos do parecer de Augusto Lousa Vianna ao ministro das obras públicas - Cidade Universitária do Porto, na Asprela - Zona de proteção do Hospital Escolar a Norte da estrada da circunvalação - 1 de Fevereiro de 1965

Fonte: Repositório temático da Universidade do Porto - <http://repositorio-tematico.up.pt/>



Referências

7 - Residência Universitária do Pólo 2 da U. P. - Vista geral do terreno e apontamento perspectivado
Arq. Luiz Cunha - Ano 1989-06

8 - Residência Universitária do Pólo 2 da U. P. - Vista geral do terreno e apontamento perspectivado
Arq. Luiz Cunha - Ano 1989-06

Fonte: Repositório temático da Universidade do Porto - <http://repositorio-tematico.up.pt/>

Anexo 3 Fase Revisão bibliográfica

Datação de arruamentos e edifícios existentes a partir de cartografia e dados históricos - Datas aproximadas com base na informação cartográfica e escrita recolhida

N

